

RDP – Antena 2

Programa: “O Véu Diáfano”

Três comunicações sobre:

“*Votre Faust*, de Henry Pousseur,
e a polémica com Luciano Berio (I e II)”

Quintas-feiras, 20 e 27/10/2011, 23h00

Quintas-feiras, 27/10 e 03/11/2011, 13h00

Duração das comunicações: 60 minutos (cada)

Resumo:

Henri Pousseur, compositor belga da geração de Darmstadt: 1929-2009. De Henri Pousseur abordaremos o *magnum opus*: a ópera ***Votre Faust***, cuja composição atravessa praticamente a década de sessenta do século XX.

Escrita em colaboração com o escritor francês Michel Butor, ***Votre Faust*** teve a sua estreia em Milão, no Piccola Scala, em Janeiro de 1969. Foi uma *estreia-naufrágio* que traçaria da ópera o destino de uma obra maldita.

Henri Pousseur e Michel Butor: o ***Vosso Fausto***, uma “*Fantasia variável género ópera*” (nas próprias palavras do compositor).

Estreada em Milão, no Piccola Scala, em Janeiro de 1969, as suas representações consagraram uma *estreia-naufrágio* que traçaria doravante o destino da ópera como uma obra maldita. As poucas produções que dela se fizeram revelam a dificuldade da obra, cuja representação se situa algures entre ópera e teatro, e cuja estética se perde (paradigma do pós-modernismo) entre tantas citações, colagens e referências.

Grande amigo de Pousseur, companheiro de estrada e franco admirador da sua obra, Luciano Berio não resistiu, porém, a escrever um inflamado artigo que procurava compreender as razões do descalabro. Na sua análise culpa Michel Butor, o voluntarioso libretista, de uma escrita sobre-abundante, de uma omnipresença da palavra ao longo da obra. E não apenas omnipresença da palavra, mas da palavra mais insignificante, do mais superficial tratamento literário do mito de Fausto.

Segundo Berio, Butor é a própria razão do naufrágio.

A história deste Fausto conta-se em poucas palavras. Como em Thomas Mann, Fausto incarna aqui a figura de um compositor. Chama-se Henri, e leva a sua vida como professor e conferencista, apenas compondo no pouco tempo que lhe sobra. Um dia, no final de uma apresentação pública, é visitado por um director artístico que lhe oferece a possibilidade de

criar uma ópera no tempo e nas condições que desejar; deixa-lhe apenas uma condição: o tema da ópera tem de ser o mito de Fausto.

O compositor aceita e, como um diabo onnipresente, o director artístico (Mondor) persegue o compositor vigiando todos os passos da sua vida e acompanhando a escrita da obra. Pelo meio, há uma Margarida (estou a pensar em Goethe). Esta personagem feminina, aqui chamada Maggy, é uma simples namorada de Henri a quem Mondor tenta impedir o acesso ao compositor, por temer que o amor o distraia e a obra não avance. Por fim caberá ao público decidir o desenlace desta história de amor.